

Do cotidiano à crítica social: A crônica de João Antônio

Talita Gonçalves de Almeida (mestranda, UEL-PPGL)

Resumo: João Antônio (1937-1996) foi um escritor e jornalista paulistano reconhecido por seus livros, contos-reportagem publicados em jornais e seu posicionamento sobre o texto literário. Intitular parte de seus textos como sendo crônicas, no entanto, ainda causa algum desconforto entre os pesquisadores, dividindo-os com relação à classificação. Neste sentido, o artigo aqui proposto tem a intenção de assinalar aspectos da crônica na obra de João Antônio, a partir de considerações a cerca de seu texto *Deu mulher na sinuca, que bandeira!* publicado em março de 1975 no jornal *O pasquim*. Para tanto, perceber a hibridização de sua obra e sua trajetória como escritor/jornalista preocupado com uma literatura que se constituísse em um *corpo-a-corpo* com a vida se torna um processo importante para compreender, no texto escolhido, sua atuação como cronista.

Palavras-chave: João Antônio, crônica, hibridismo, literatura, jornalismo.

Abstract: João Antônio (1937-1996) was a writer and journalist of São Paulo recognized by his books, his short stories published in newspapers and his attitude about the literature. Call part of his texts as chronicle, still incite same discomfort between researchers, divide them about that classification. In this sense, the article proposed here have intention to point out characteristics of chronicle in João Antônio's works, from considerations about your text *Deu mulher na sinuca, que bandeira!*, published in March 1975 in the journal *O Pasquim*. Therefore, realize the hybridization of his work and his career as a writer/journalist concerned about a literature that is constituted in a hand-to-hand struggle with life becomes an important process to understand, in the chosen text, your role as chronicler.

Keywords: João Antônio, Chronicle, Hybridity, Literature, Journalism.

Literatura de dentro para fora

João Antônio (1937-1996) foi um escritor e jornalista paulistano cujo projeto literário se estendia a seu projeto jornalístico no que diz respeito a seus contos-reportagem e a sua crônica para jornais da imprensa alternativa¹. No texto *O leitor como parceiro* publicado pela primeira vez em junho de 1976 pelo *Suplemento JSC*, o autor se posiciona quanto à literatura brasileira, definindo em certa medida, o que esperava também de si mesmo:

No caso brasileiro, ainda não temos uma literatura à altura dos dramas nacionais. Mas talvez já comecemos a ter consciência dessa precariedade – um miserê não

¹Na história brasileira os frequentes “alternativos” seriam os jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira, que esta pretende tornar hegemônicas no país. (AGUIAR, 2012, p.236). Para ler mais sobre o tema consultar o texto *Imprensa Alternativa* do professor e jornalista Flávio Aguiar e cuja referência consta ao final deste artigo.

apenas literário, mas jornalístico, cinematográfico, teatral, musical e cultural (até no sentido antropológico: comer, morar, viver) (ANTÔNIO, 2002, p.161).

Para o João Antônio, a literatura deveria ter uma função social bem específica: estar num *corpo-a-corpo* com a vida, experimentando realidades e mergulhando no dia-a-dia de cidadãos esquecidos, marginalizados e oprimidos. Sua presença no jornalismo brasileiro se inicia na chamada grande imprensa e torna-se notável a partir de suas publicações na revista *Realidade*.

A relação do escritor com o jornal vem de muito cedo, já em 1959, o jovem João Antônio demonstra entender ser esta uma boa maneira de divulgar seu trabalho. Em carta para Ilka Brunhilde Laurito, datando 23 de setembro do ano citado, o jornalista ainda sem nenhum livro publicado redige uma lista de textos seus que a escritora poderia encontrar nos jornais *Última Hora* e *O Estado de São Paulo*, dentre eles estão contos consagrados como *Afinação da arte de chutar tampinhas*, *Frio* e *Fujie*.

Em *Realidade*, as publicações têm caráter muito original com relação ao que vinha sendo produzido no âmbito da reportagem. Os contos-reportagem publicados pela revista, bem como, entrevistas que acabaram tomando ares de conto ou crônica, modificaram a forma de se fazer jornalismo no Brasil e se realizavam por meio da experiência, como toda a obra do autor.

Esse estilo de escrita intitulado Novo Jornalismo teve seu início nos Estados Unidos, nos anos 1960, no contexto da contracultura, e se caracteriza pela incursão de técnicas literárias no texto jornalístico. Se as reportagens feitas até então tinham como meta informar por meio de furos jornalísticos ou acontecimentos de grande interesse para os leitores, o Novo Jornalismo deve apreender ao máximo o universo a ser informado, é preciso viver a realidade que se pretende mostrar e apurar o texto de maneira estética antes da publicação.

Embora João Antônio tenha sido precursor dessa estética no Brasil, além de um dos criadores da revista, em 1971, já com seu projeto literário ligado à realidade do povo muito bem articulado, o autor decide escrever para jornais em que tivesse a liberdade de exercer também a sua militância. Inicia-se aí o trabalho como cronista em *O Pasquim*.

Numa entrevista publicada em 1975 na revista *Crítica*, republicada no livro *Leão de Chácara* (2002) e intitulada: *O [sub] mundo de João Antônio*, ao ser questionado sobre até que ponto se poderia escrever a verdade no Brasil – já que se tratava de um tempo de ditadura – o escritor faz considerações sobre o jornalismo brasileiro e críticas acirradas à grande imprensa:

Você sente que estão usando a censura como alibi para a mediocridade, a falta de limpeza de caráter profissional e a falta de questionamento. O que será notado na grande imprensa é que ela não questiona mais, ela não interroga mais, ela não coloca em xeque as informações que lhe são trazidas. Então, o que é um repórter hoje? Um bom, hábil, esperto e solerte com paletó e gravata. Sempre com paletó e gravata. Hoje o repórter é um paletó e gravata. [...] Então o diabo do repórter tornou-se um apanhador de dados, os quais ele não coteja mais. (ANTÔNIO, 2002, p.165).

Toda essa visão sobre o que seria o jornalismo e o que deveria ser a literatura brasileira aparece na obra de João Antônio. Sua preocupação está em representar a realidade de *dentro para fora*, ou seja, conhecer e inserir-se no submundo, para a partir dele escrever seus textos e “jamais como um observador não participante do espetáculo. [...] Corpo-a-corpo com a vida, posse e gozo juntos, juntinhos, chupão, safanão, gemido” (ANTÔNIO, 1975, p. 146). A linha tênue entre literatura e jornalismo se torna hibridismo nos textos de João Antônio, há aspectos literários em seus textos para jornal e há formas jornalísticas em seus textos para livro. A influência de *A sangue frio*, de Truman Capote, entre outros autores do novo jornalismo unida à conjuntura política e literária brasileira faz com que, primeiro o escritor paulistano inove a forma da escrita jornalística brasileira por meio de *Realidade* e, depois, escolha a imprensa nanica como meio de comunicação necessário:

Agora você vê o seguinte: os únicos jornais que estão questionando são os que eu chamo de imprensa nanica. E quem é que está fazendo hoje a imprensa nanica? São os maiores profissionais do jornalismo brasileiro, que não tem mais vez nem hora na grande imprensa, que também não se submetem aos processos da grande imprensa, estão agarrados por aí, na pingência profissional de *Pasquim*, de *Crítica*, de *Opinião*, de *Bicho*, *Movimento* etc. (ANTÔNIO, 2002, 165).

Estes jornais, além de se posicionarem fortemente contra a ditadura, resgatavam conteúdos artísticos em suas páginas por meio de colunas inteiras separadas para a escrita literária e jornalismo literário. Em um tempo em que só os *bestsellers* americanos eram incentivados à editoração no país, e, grande parte dos escritores não conseguia viver desse ofício, o espaço do jornal era preponderante para ter por onde mostrar sua arte e, ao mesmo tempo, ganhar algum sustento.

Se em *Corpo-a-Corpo com a vida*, texto já citado e publicado em 1975, João Antônio deixa clara ao leitor a sua missão enquanto escritor: “ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo.

A briga é essa. Ou nenhuma.” (ANTÔNIO, 1975, p. 146), em suas crônicas para *O Pasquim* foi possível alcançar seus objetivos literários e também de militância na imprensa alternativa, portanto, o conjunto de crônicas é fonte importante de estudos sobre o autor.

Embora o autor tenha escrito para diversos jornais- frente foi em *O Pasquim* que ocorreu um número de publicações mais constante, sendo constituído por 41 crônicas. Destas, escolheu-se como recorte para este artigo a intitulada: *Deu mulher na sinuca, que bandeira!*

A crônica de João Antônio

Antônio Candido em *A vida ao rés-do-chão* qualifica – numa espécie de elogio – a crônica como sendo um gênero menor, já que, para ele, dessa forma ela fica mais próxima do leitor: “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora numa linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.” (CANDIDO, 1980.p.5). Os textos de João Antônio possuem uma linguagem que se pretende de dentro para fora de cada personagem e uma temática que aborda problemas sociais, o povo em sua simplicidade e sofrimento, de maneira poética e leve, por vezes provocando o riso. Seus escritos parecem estar aí, ao rés-do-chão, próximos do leitor, como indica o teórico e professor.

Em seu *Corpo-a-corpo com a vida*, o paulistano critica ainda esse distanciamento de “uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e febril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras.” (ANTÔNIO, 1975, p. 144). Os belezismos e todos os ismos de escritores e jornalistas que ignoram a temática do povo, a vivência do povo – que muitas vezes aparenta ser frívola e que está carregada de poesia – são intensamente discutidos pelo autor. A preocupação nacional-popular de se constituir uma literatura brasileira, mas sem máscaras, com função social e experimentando, vivenciando o outro é essencial para o processo de criação de seus escritos.

Em seu texto *Feijoada na literatura*, publicado em 1976 no jornal *Movimento*, Flávio Aguiar comenta a importância de João Antônio com relação a sua participação nos jornais da imprensa nanica:

O paulistano João Antônio saiu do relativo recesso em que se achava e de taco em punho pôs-se a malhar a torto e a direito, lascando lenha em quem passasse perto. E vieram as necessárias malaguetas, os melhores perus, os grandes bacanaços, os infernais leões de chácara, os Judas desancados. A ponto de nenhum jornal que se preze deixar de ostentar, orgulhoso, o seu João Antônio, seja na forma de entrevista, reportagem, crônica ou depoimento. E se falta João Antônio a gente arranja outro que tenha barba e saiba falar dessas quebradas do mundaréu sem eira nem beira. (AGUIAR, F. Feijoadas na literatura. *Movimento*, nº 27, p.15)

Algumas das crônicas publicadas por João Antônio em *O Pasquim* - principalmente as que retratavam lugares específicos ou modificações urbanas entrelaçaram-se a outros textos e foram publicadas dessa forma em *Ô copacana!*, bem como, parte de seus contos-reportagem que nasceram para o jornal foram publicados em livro. Ainda, em *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno* (1991) há uma fusão, uma espécie de colagem de trechos inteiros das crônicas publicadas no *Jornal do País* com textos inéditos e contos do autor, mas não há nenhum livro que abarque somente crônicas, da forma como estavam nos periódicos.

A importância dos trabalhos de João Antônio para os jornais e a costura entre literatura e jornalismo, de maneira que, seu projeto literário e seu projeto jornalístico se encontraram por muitas vezes e se intensificam como uma coisa só após sua militância na imprensa nanica, indicam a necessidade de analisar suas crônicas. Afrânio Coutinho afirma que “A crônica será tanto mais literária quanto mais fugir às exigências do espírito de reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários – a literatura e o jornalismo” (COUTINHO, 1986, p.134).

Mesmo nos contos de João Antônio, percebe-se a presença do jornalismo, mas a afirmação de Coutinho parece ser um bom ponto de partida para compreender as crônicas do escritor paulistano, embora literatura e jornalismo pareçam distanciar-se, nota-se que os comentários sobre futebol, as questões políticas e o memorialismo se integram, em João Antônio, ao humor, ao fato miúdo, ao lirismo e ao trabalho incansável com a linguagem ficcional.

Ainda, dar ênfase a crônica como um gênero híbrido para estudar a obra do escritor é necessário, posto que, muitos de seus textos estão indicados como crônicas nos jornais, mas são estudados enquanto conto-reportagem. Luiz Carlos Simon ao tecer considerações sobre as confusões entre conto e crônica disserta:

Assim é importante reconhecer o acentuado grau de semelhança na composição estrutural entre textos denominados como crônicas e textos identificados como contos, sem fabricar uma falsa diferença entre eles. É possível, contudo, insistir

que, mesmo nas crônicas mais narrativas, sobressai a ênfase no cotidiano como traço que, embora não exclusivo da crônica, é capaz de sustentar um aspecto comum a tantos textos diferentes entre si que recebem essa denominação. (SIMON, 2011, p.49-50).

A investigação da crônica escolhida pretende também permear o aspecto do cotidiano na tentativa de compreender de que maneira ele faz parte do gênero e de que forma o cerne da literatura joãoantoniana – dar voz as classes subalternas e a humanização de pingentes, operários e malandros – tem como contorno acontecimentos corriqueiros.

A crônica *Deu mulher na sinuca, que bandeira!* foi publicada na semana de 22 a 1 de março de 1975, edição de ano VI– Número 295 e tem como fato miúdo, ou seja, como acontecimento sem importância, a presença das mulheres que – aparentemente de classe média – começam a frequentar os salões de sinuca de Ipanema.

Um das características de sua obra é a descrição poética de espaços: ruas, bairros, cidades, assim como, casas galerias e botecos, isso também acontece nessa crônica. Para explicar ao leitor o motivo pelo qual as mulheres não deveriam participar dos jogos de sinuca – um tom machista também está muitas vezes nas entrelinhas do autor – o eu do cronista, aquele que narra ou disserta nas crônicas, vai falando um pouco sobre o bairro:

E como não houvesse jeito mesmo, só fazendo como os antigos: vá lá. Porque já que Ipanema existia e tudo lhe era permitido...Havia o bar Jangadeiros, melhor do bairro, não só em chope, mas em frequência, ficava ao lado do número 68 da rua Visconde de Pirajá, onde se planta, no térreo, o Mercado Copanema, tendo à esquerda de quem entra, a famosa banca de jornais do Gigo. Bem, lá em cima do 68, onde outrora foi um templo batista, se planta uma sinuca. (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).

O jogo entre tradição e modernidade é sempre introduzido por João Antônio em seus textos. Aqui, numa espécie de resguardo da honra de salões de sinuca, da memória daqueles sobre os quais o autor quer escrever e daquilo que é considerado tipicamente característico dos malandros brasileiros no Rio de Janeiro é dito:

Foi lá que Ipanema deu vexame, metendo os pés pelas mãos em território desconhecido. Naquele sobrado que, embora repintado, tem todo gosto, sabor, cheiro, idade das grandes sinucas de verdade – prédio velho, **meio escondido, meio come-quieto e meio fecha-nunca, com um ar maroto enrustido**, a quem o tempo não descorou e de quem sabe o que está fazendo. E meteu mulher no salão, mas que bandeira! (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23. **grifo meu**).

O grifo da citação acima demarca a sequência de adjetivos que permite ao leitor perceber uma espécie de aura em volta do bar e transmite a impressão de unicidade, ao mesmo tempo em que se nota uma tipificação do local e da tradição dos salões de sinuca. Tanto o adjetivo, quanto a gradação presentes nessa citação, são processos bastante comuns da estilística do paulistano e aparecem com frequência para grafar intensidade, construir imagens ou desenvolver certo lirismo.

Ainda, em “Foi lá que Ipanema deu vexame, metendo os pés pelas mãos” outro recurso de sua literatura é notado, a retomada do imaginário popular por meio da ressignificação ou simples utilização da linguagem e dos ditos populares. Antônio Candido em seu artigo *Na noite enxovalhada* afirma que João Antônio cria uma linguagem a partir do coloquial, mas não escreve da maneira descompromissada:

Uma coragem tranquila de elaborar a irregularidade, aceitando os caprichos da conversa, as hesitações, as repetições, as violações do “bom-gosto” convencional, que contradizem os manuais de escrever bem, mas aumentam o alcance da expressão, porque aproximam da naturalidade (CANDIDO, 2009, p.8).

O autor consegue imbricar a linguagem culta e a linguagem popular ou da malandragem, de maneira lapidada, o que condiz com a sua noção nacionalista do que deveria ser uma escrita brasileira.

Voltando a crônica em destaque, sobre o jogo de sinuca e a quem ele pertence:

A sinuca era e é um território humano que merece ser olhado, sentido e dito com alguma frequência e sinceridade. Um salão de sinuca em suas 24 horas por dia, seus tipos - parceirinhos, otários e malandrecos – em competição tremenda, porque muito marginal ainda vive daquele pano-verde; as faixas de horário de uma boca do inferno; a gíria incomparável do salão, pintando de pitoresco o lado de lá de um quadro funesto, e mais o comportamento do homem de sinuca, seus leros, sua ética, suas manhas, suas dissimulações.(ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).

O início desse parágrafo tem retomada a crítica de João Antônio à literatura brasileira em *Corpo-a-corpo com a vida*, assim como, suas intenções literárias. Quando é dito que a sinuca é um território humano que merece ser visto, o que está sendo dito é que os frequentadores desse lugar merecem ser notados e sobre eles algo deve ser escrito. Em outro momento do texto o escritor volta a falar das mulheres:

Daí porque sinuca pra valer briga com mulher no salão. A gente da sinuca não faz nada em vão. Nada pode ser frívolo ou supérfluo. Naquele tipo de briga, cada milímetro é uma disputa suada, já que representa e está em jogo, o dinheiro que garante o dia de amanhã – o almoço, a janta, a dormida, em algum cantão

enrustido na cidade, asfalto ou morro. E para aquela gente, a cidade é hostil. ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).

Percebe-se que a implicância com a frequência delas nos salões é utilizada como pretexto para tratar de algo mais sério, a pobreza e a necessidade de pessoas que fazem parte do lumpem – como o próprio autor já nomeou – e só conseguem algum dinheiro com os jogos de sinuca.

Em outro trecho é ratificada a ideia de que mulheres não devem jogar sinuca, e o discurso é matizado pela possível referência ao poema *Quadrilha* de Carlos Drummond de Andrade: “Um salão é feito de homens e de bolas. E se eu fosse um poeta, talvez dissesse que os *homens correm atrás das bolas que correm atrás das caçapas.*” (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23). A construção da frase grifada lembra e muito a construção do poema: “João amava Teresa que amava Raimundo” (DRUMMOND, 1930), e a afirmação parece ser: como neste momento sou cronista e não outra coisa, escrevo dessa forma. Além disso, como curiosidade intertextual, nota-se que *Quadrilha* se trata de um poema bastante prosaico.

Ainda, em um tom irônico, um tanto humorístico, coisas como formato e altura da mesa e das bolas, valor e cor das mesmas e detalhes sobre o uso do giz são descritos de maneira explicativa, como em um manual, ao final o eu do cronista diz: “Essa tentativa de informação e serviço às moças que tentaram jogar sinuca em Ipanema [...] é perfeitamente em vão” e volta com um tom mais dramático “(que elas jamais precisem da sinuca como meio de sobrevivência)” (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).

Durante a crônica vão sendo revelados os tipos sociais que pertencem à sinuca e dela dependem: “quase todos mergulham na miserabilidade e se escondem na camada escura do lumpem” (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23). Há a insistência de que são esses homens os que têm vez no salão, que são insubstituíveis e a sinuca é a subdivisão da malandragem como um todo: “continua a correr entre nós, misturando tragédias e picardias, engolindo malandros e arruinando padrões de jogo, como uma máquina de triturar dinheiro e gente. Um calvário de todos, otários e sabidos.” (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).

O texto termina com o dito final, “mulher no salão não forma”, já que para que se jogue de verdade, honrando o jogo e a malandragem, é preciso ter necessidade: “E, o palpite na qualidade de um pálido olheiro, é que mulher sem necessidade, nunca vai aprender a segurar um taco do joguinho” (ANTÔNIO, J. Deu mulher na sinuca, que

bandeira!, *O Pasquim*, nº295, p.23).Este é o único momento em que o eu do cronista se distancia de seus personagens, já que, a posição de olheiro é sempre a daquele que escolhe.

Este contorno dado pela presença das mulheres na sinuca, que, por meio da ironia e do humor tenciona o leitor a tomar este fato como temática no texto, suaviza o verdadeiro mote da crônica – e de sua literatura de maneira geral – que é o dia-a-dia, o sofrimento e a intimidade de sujeitos marginalizados, neste caso, dos jogadores de sinuca.

Em *A vida ao rés do chão* Antônio Candido descreve as crônicas de Rachel Queiroz dizendo que elas mantêm um ar despreocupado, falando coisas aparentemente sem importância, mas que “não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (CANDIDO, 1980, p.5). Cabe também à crônica de João Antônio essa aparência de se tratar de algo sem grandes problematizações, “a conversa aparentemente fiada” e que, no entanto, aborda questões profundas sobre a sociedade e as emoções dos suburbanos.

Percebe-se, portanto, nessa aproximação com o cotidiano das classes subalternas em específico, uma tentativa de experimentação daquilo que essas pessoas vivem. A valorização do que é nacional, já exposta em seus escritos e entrevistas, e a utilização do fato miúdo, da presença das mulheres na mesa de sinuca para que os problemas sociais e a notoriedade dessas pessoas como personagens, na visão do autor - sempre esquecidas, venha ao centro do texto, de dentro para fora do salão de sinuca, por meio da crônica e de sua viabilização em jornal.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. “Feijoada na Literatura”, *Movimento*, Janeiro de 1976.

ANTÔNIO, João. “Corpo-a-Corpo com a Vida”. In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. “O leitor como parceiro”. In: Leão-de-Chácara. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. ”O [sub] mundo de João Antônio”. In: Leão-de-Chácara. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. “Deu mulher na sinuca, que bandeira!” In: *O Pasquim*. nº 295, Rio, 22/ a 01/03/75.

CANDIDO, Antônio. “A Vida ao Rés-do-chão” (Prefácio). In: *Para gostar de ler: crônicas / Carlos Drummond de Andrade ... [et al.]*. – Ed. Didática. – São Paulo: Ática, 1979-80.

_____. “Na noite enxovalhada” (Prefácio). In: ANTÔNIO, João. Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Editora da UFF, 1986.

SIMON, Luiz Carlos. Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL, 2011.